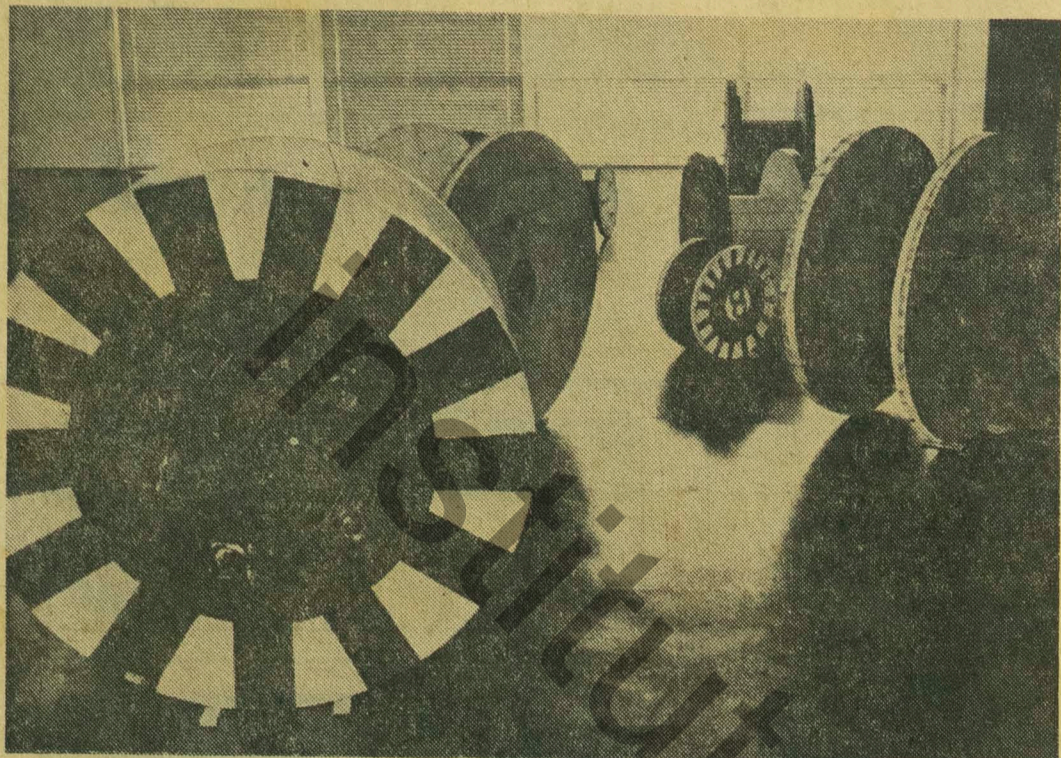
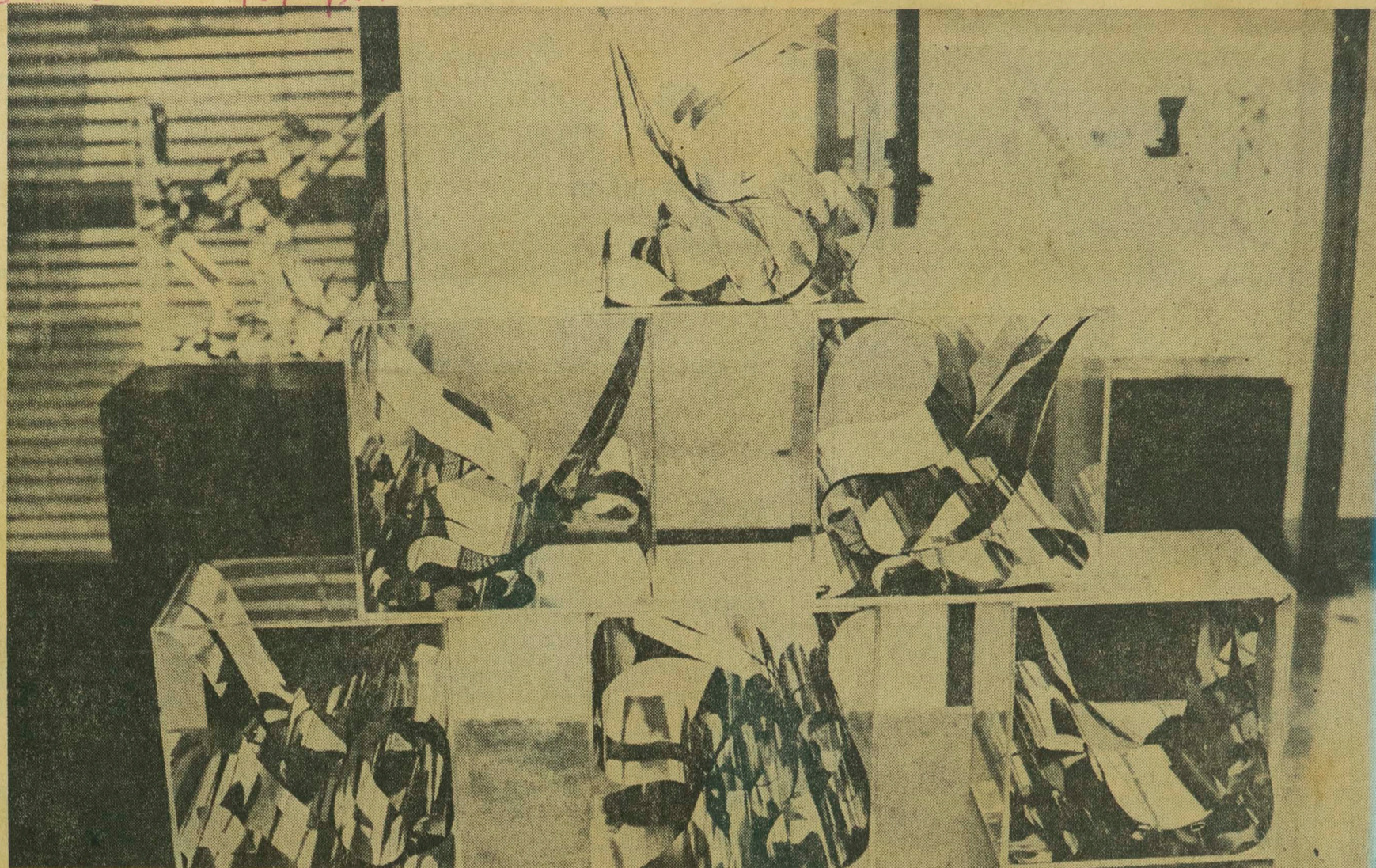


JB 5-10-71 p. 7



Os objetos de Ione Saldanha



Os múltiplos de José Carlos Leal

A CRIAÇÃO EM LUZ E MOVIMENTO

A exemplo de tantos outros, o Salão da Eletrobrás também é um salão-tema. Para este primeiro foi escolhido como motivo obras baseadas em luz e movimento. Sendo a Eletrobrás uma empresa que estabelece a política de energia elétrica para o Brasil, nada como a arte cinética para representá-la numa mostra de arte. A idéia do Salão partiu do departamento de relações públicas da empresa, depois de verificar o interesse dos artistas (principalmente jovens) sobre as pesquisas no campo cinético. O responsável pelo I Salão da Eletrobrás, Luis Carlos Mendes, explica a estrutura da mostra.

— Não temos premiação tradicional, isto é, o critério usado é o da aquisição. A verba total para prêmios é de Cr\$ 50 mil e cada artista contemplado recebe o correspondente ao preço de sua obra no mercado de arte. Neste I Salão foram premiados 15 artistas além de terem sido concedidas cinco menções honrosas e uma menção especial do júri. O nosso interesse é promover trabalhos que envolvam pesquisa, por isso o Salão foi lançado em termos nacionais. Em cada capital brasileira, mantinhamos um posto de inscrição e recebimento de obras. A Eletrobrás encarregava-se do transporte.

Com o perfeito funcionamento deste esquema — da inscrição ao transporte — os artistas sentiram estímulo a participar. Daí o número de inscrição ter atingido a mais de 300 artistas e mil obras. Um júri escolhido pela Eletrobrás — Waldir Ayala, José Roberto Teixeira Leite, Abraham Palatnik, Rubem Vella (crítico argentino) e Luis Carlos Mendes — selecionou os 100 artistas e 200 obras que estão expostas no Museu de Arte Moderna.

Arte e indústria

Nos salões do Museu vê-se de tudo. Desde ambientes até quadros tradicionais. O tema *Luz e Movimento*, ao contrário de inibir os

artistas, soltou sua criatividade, que foi perfeitamente captada pelo júri. Este não ficou restrito a técnicas ou escolas. Selecionou, com grande isenção, não tanto uma obra, mas sobretudo uma proposta. Coisa rara em mostras deste tipo, o I Salão da Eletrobrás não deixou queixas nos artistas. Um entre eles, o jovem João Carlos Goldberg, fala com o maior entusiasmo de sua participação. Premiada com duas esculturas e participando ainda com um ambiente, Goldberg diz que parte de sua pesquisa não poderia ir adiante, caso não surgissem eventos como o Salão.

— Há cinco anos pesquiso no campo cinético. Mas esta foi a primeira vez que surgiu um salão temático dirigido à arte cinética. O Salão é excelente por isso, porque incentiva a pesquisa em grande escala. Numa mostra como esta, onde o trabalho de montagem é quase coletivo, o contato entre nós, artistas, é bastante aprofundado e gratificante. Goldberg e Marília Kranz (também premiada) concordam que o Salão, além de motivá-los, é uma forma a mais de aproximar o artista da indústria. Esta união parece cada dia mais necessária para aqueles que fazem da arte uma prática contemporânea. Diz Marília:

— A busca do apoio da indústria foi uma grande experiência para mim e para os industriais. Inclui para o próprio trabalho nas fábricas, o que foi muito útil. Foi realizada até uma pesquisa de um novo tipo de cola para acrílico, com a finalidade de satisfazer as exigências do meu trabalho. Para o futuro, é vital que a obra de arte tenha a participação industrial.

Dos muitos artistas participantes, o Salão tem destaque para alguns extremos. Toiotta, o famoso artista internacional, está presente com uma única peça, considerada pelos próprios colegas como obra de fixação de um talento. Por outro lado, o jovem Mário Borriello é o autor de um trabalho precioso (ambiental) chamado *Fogueira*. Um pouco

A Eletrobrás forneceu a motivação — uma exposição de artes plásticas, aberta a qualquer artista residente no Brasil, regulada pelo tema: luz e movimento. Recebidas mais de mil obras, depois de rigorosa seleção, elas foram reduzidas para as 200 que compõem o I Salão da Eletrobrás, aberto a partir de hoje no Museu de Arte Moderna

antes da inauguração — hoje às 21h — Mário acenderá uma imensa fogueira e em torno dela um conjunto afro (Abassa de Umulo) e um conjunto pop (Num Batcha) farão evoluções, solicitando ao público que dance junto com eles.

A vibração da pesquisa

Ainda não está decidido, mas é quase certo que o Salão da Eletrobrás tenha continuidade. O impasse é quanto à frequência de sua realização: anual ou bienal. Este primeiro, quando mal começa, já provou que sua realização teve grande impacto entre artistas e críticos. Luis Carlos Mendes situa a posição da Eletrobrás em relação ao momento artístico brasileiro.

— Consciente da responsabilidade que lhe confere a posição de ser uma das maiores empresas do Brasil e de toda a América Latina, a Eletrobrás decidiu promover o I Salão de Artes Plásticas, com o objetivo de estimular a pesquisa artística em íntima relação com a tecnologia, entendendo ser este um caminho certo de promover o progresso da criação, guardando absoluta coerência com a matéria e o meio que constituem sua razão de ser — energia. Este Salão liga a empresa em sua atividade básica às manifestações artísticas. A repercussão e interesse demonstrados pelo grande número de obras apresentadas e pelo esforço de pesquisa mostraram que os objetivos foram alcançados.

Por coincidência ou não, muitas obras receberam o título de *Vibração*. Estas obras são assim chamadas porque têm um grande apelo tátil e visual. O que parece ser a constante neste Salão.

Em homenagem ao precursor da arte cinética (no Brasil e também no exterior) Abraham Palatnik, o I Salão da Eletrobrás montou uma sala especial do artista.